

TRANSNACIONALIDADE EM CONFLITO: ENTRE O PROTAGONISMO E ADAPTAÇÃO AO CONTEXTO ESCOLAR

TRANSNACIONALIDAD DE CONFLICTOS: ENTRE PROTAGONISMO Y ADAPTACIÓN AL CONTEXTO ESCOLAR

NEVES, Franciele Cristina¹.

OLIVEIRA, Suellen Mayara Péres de².

Resumo: Com o advento dos fluxos globais, a diversidade, em suas mais variadas naturezas, está presente em todas as instituições sociais, não sendo diferente na área da educação. Entre as distinções encontradas no contexto escolar, está a diversidade cultural e étnica. Neste sentido, ao realizar uma investigação sobre a pluralidade cultural escolar na cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná, a questão da transnacionalidade é evidenciada, já que o município se encontra em uma região de fronteira trinacional entre o Brasil, Paraguai e Argentina. Somada a problemática da diversidade e a pouca atenção que o currículo escolar dá ao tema, está a hierarquização das relações de poder no contexto educacional, onde o/a aluno/a se torna mero ouvinte. O presente artigo almejou discutir a questão da transnacionalidade na vivência escolar, assim como o protagonismo dos discentes na discussão e na identificação dos problemas vinculados ao tema da pesquisa. A metodologia escolhida para a obtenção de dados foi a “pesquisa coletiva”, a qual foi realizada *in loco* em um colégio da cidade, a qual teve como objetivo identificar os problemas ali vivenciados pelos/as alunos/as e sugerir atividades que busquem relações mais horizontalizadas e empáticas.

Palavras-chave: educação, diversidade, transculturalidade, fronteira trinacional, currículo paralelo.

Resumen: Con la llegada de los flujos globales, la diversidad, en su naturaleza más variada, está presente en todas las instituciones sociales, no siendo diferente en el área de la educación. Entre las distinciones encontradas en el contexto escolar, se encuentra la diversidad cultural y étnica. En este sentido, al realizar una investigación sobre la pluralidad cultural de la escuela en la ciudad de Foz do Iguaçu, en Paraná, se destaca el tema de la transnacionalidad, ya que el municipio se encuentra en una región con una frontera trinacional entre Brasil, Paraguay y Argentina. Sumado al problema de la diversidad y la poca atención que el currículo escolar le da al tema, existe la jerarquía de las relaciones de poder en el contexto educativo, donde el estudiante se convierte en un mero oyente. Este artículo tuvo como objetivo discutir el tema de la transnacionalidad en la experiencia escolar, así como el papel del estudiante en la discusión e identificación de problemas relacionados con el tema de investigación. La metodología elegida para la obtención de datos fue la "investigación colectiva", que se llevó a cabo in situ una universidad de la ciudad, con el objetivo de identificar los problemas experimentados por los estudiantes allí y sugerir actividades que buscan relaciones más horizontales y empáticas.

Palabras clave: educación, diversidad, transculturalidad, frontera trinacional, currículum paralelo.

1) Introdução

In memoriam de Renan F. G. de Araujo (†26/12/2019).

1 Mestre em Ciências Sociais, UNIOESTE. Pós-graduanda em Ensino de História e América Latina, UNILA. E-mail: francielecneves88@gmail.com

2 Doutora em História Social. Docente na pós-graduação em Ensino de História e América Latina UNILA. E-mail: suellen.oliveira@unila.edu.br

Até pouco tempo, a educação era voltada para a construção de homogeneidades, já que a diversidade era vista como um problema, porém, com os fluxos³ mundiais de informações e pessoas típico da globalização, o objetivo, que já era impossível, pois não há indivíduo igual ao outro, tornou-se ainda mais inviável, afirma María José Diaz-Aguado (1997, *apud*, CONCEIÇÃO, 2002). O fracasso desse modelo escolar denuncia a necessidade da escola adaptar-se às necessidades do seu público, e não o contrário. Assim, passou a ser urgente a necessidade de inclusão, entre tais mudanças, a diversidade⁴ dos/as alunos/as aparece como ponto primordial.

As inúmeras diversidades presentes no contexto escolar são, com frequência, objetos de estudo, pois ao identificar tal problema, é possível investigar suas causas, propor soluções e criar atividades para mediar o problema. As oficinas que promovem a integração e a horizontalidade entre os/as agentes que compõem o cotidiano escolar são essenciais para a redução das hierarquias, minimizando os conflitos diversos, além de ser responsável por criar ambientes mais empáticos e agradáveis.

Ao perceber que as diversidades são frequentemente marcadas de maneira vertical nas diversas instituições, criando um conflito social, político e econômico, além de uma hierarquização, a presente pesquisa objetivou investigar, identificar e elaborar atividades que estimulasse a reflexão e a empatia entre os/as alunos/as de diferentes etnias e nacionalidades no Colégio Estadual Manoel Moreira Pena na cidade de Foz de Iguaçu/PR, mais conhecido como Escola Agrícola, a qual disponibiliza ensino integral, médio e técnico integrado em agropecuária, com durabilidade de 3 anos para a formação.

A escolha da instituição não foi coincidência, já que a investigadora lecionou no colégio nos anos letivos de 2018 e 2019, observando assim a diversidade cultural e étnica, assim como as situações ímpares que tal característica promove. Tal experiência proporcionou uma observação privilegiada, influenciando a escolha do tema deste

3 Para Ufl Hannerz (1997, p.10), o conceito de fluxo se refere a globalização e se resume “a coisas que não permanecem no seu lugar, a mobilidades e expansões variadas, à globalização em muitas dimensões”. As sociedades se caracterizam por diversos fluxos, podendo ser de capital, de mercadorias, informações e imagens. Para o autor, o fluxo faz “referência a coisas que não permanecem no seu lugar, a mobilidades e expansões variadas, à globalização em muitas dimensões” (p.10), portanto, oposto ao pensamento estático. O termo se refere ao “deslocamento de uma coisa no tempo, de um lugar para outro, uma redistribuição territorial” (p.11).

4 Quando se fala em diversidade no contexto escolar, a princípio, se refere a qualquer distinção, seja cultural, socioeconômica, étnica, etc.

artigo. Neste sentido, o contato e realização das oficinas aconteceram de maneira facilitada e tranquila, já que havia aproximação entre os diferentes atores anteriormente.

Sob a ótica do aluno, o estudo realizado somado a metodologia denominada “pesquisa coletiva” (PRADA, 2018), visou colaborar para a identificação dos conflitos e negociação dos mesmos, e, conseqüentemente, para o aumento da tolerância intercultural, além de proporcionar ambientes mais agradáveis de convivência. Desta maneira, a investigação teve como pergunta inicial para pesquisa: “Como uma educação que oportuniza o protagonismo do aluno pode colaborar com a construção da identidade do mesmo em uma situação transcultural em uma região de fronteira?”.

De toda forma, o tema se mostra atual e necessário de ser repensado pelo academia e pelos agentes escolares, para que assim, mudanças possam ser feitas e os Planejamentos Políticos Pedagógicos (PPP) possam se adequar a realidade vivida naquele contexto, abandonando e/ou adequando os projetos que chegam de maneira prescritiva e fixa das instâncias superiores.

2) Realidade Pesquisada e definição dos objetivos

A presente pesquisa teve como espaço privilegiado para análise e realização do projeto na Escola Agrícola. A instituição escolhida possui como característica particular sua localização, a qual está situada na cidade de Foz do Iguaçu/PR, cidade que tem por característica ser limítrofe na região da Fronteira Trinacional⁵ entre o Brasil, Paraguai e Argentina.

Imagem 1) Foto do Marco das Três Fronteiras, a partir da perspectiva do Brasil.

⁵ A região analisada na pesquisa é frequentemente denominada como “Tríplice Fronteira”, porém, a autora optou por substituí-lo por “Fronteira Trinacional”, pois o primeiro conceito sugere um termo militar, pois dá a entender que há limites rígidos de controle nacional; enquanto isso, a segunda definição pressupõem uma desconstrução de hierarquias e o entendimento de fluxos variados no espaço.



Fonte: elaboração própria (2019).

A cidade de Foz do Iguaçu é conhecida mundialmente por seus pontos turísticos, destacando-se as Cataratas do Iguaçu, pela grande rede hoteleira e por estar na Fronteira entre o Paraguai – conhecido popularmente pelo comércio -, e com a Argentina - frequentada pelos turistas principalmente no que diz respeito a prático do lazer (NEVES, 2014). A região protagoniza encontros culturais e étnicos, evidenciando o multiculturalismo e interculturalidade no espaço da fronteira trinacional, apresentando assim características de cosmopolitismo. Importante salientar que, apesar da fronteira ser trinacional, a presente investigação protagoniza a relação entre Brasil e Paraguai no que se refere ao tema da educação.

Neste sentido, o contexto de localização do colégio é responsável por dar características singulares ao espaço, pois há em seu público atendido, além dos brasileiros, uma grande quantidade de alunos provindos do Paraguai, conjuntura que é responsável por criar uma situação de conflito de identidades nacionais e culturais no espaço escolar.

Ao conversar com a direção e com os agentes educacionais do colégio, foi possível ter acesso a dados que expressam as principais características dos alunos internos no ano letivo de 2019, tais como sexo e suas nacionalidades de nascimento. Neste sentido, foi possível observar que a quantidade de brasileiros (99) e de paraguaios (87) são muito próximas, evidenciando a característica da transculturalidade presente no contexto analisado. Segue tabela com os dados:

Imagem 2) Dados sobre os alunos internos no Colégio Agrícola em relação ao ano letivo de 2019.

↓ Total de Alunos ↓	↓ Brasileiros ↓	↓ Paraguaiois ↓
Meninos: 147	Meninos: 073	Meninos: 074
Meninas: 039	Meninas: 026	Meninas: 013
Total: 186	Total: 099	Total: 087

Fonte: Banco de dados do Colégio Agrícola, 2019.

Como objetivo geral, pretendeu-se identificar e analisar as relações de conflitos interculturais que são comuns a realidade dos/as alunos/as do colégio, porém, escolheu-se realizar tal investigação somente com o público considerados internos/as, ou seja, que residem no colégio, os quais vivem a questão da transculturalidade mais intensamente que os outros alunos externos.

Como objetivos específicos elencou-se:

- a) investigar a construção dos conflitos culturais dentro do espaço escolar;
- b) analisar a construção das relações políticas, sociais, econômicas e culturais de maneira hierárquica entre alunos/as brasileiros/as e paraguaiois/as, e entre os/as agentes educacionais e alunos/as;
- c) a partir de metodologias de projetos, pretendeu-se realizar discussões que instigassem a reflexão e a empatia para com o “outro”;
- d) juntamente com o corpo discente, construir uma atividade que possibilite identificar e reconhecer os principais problemas vivenciados;
- e) realizar documento e encaminhar para a direção os principais problemas elencados pelos alunos, tais como as propostas de resoluções elaborados pelos mesmos – documento que irá ser produzido após o termino da investigação, pois se faz necessário a conclusão da pesquisa.

3) Metodologia e investigação

Segue teorização da metodologia escolhida, assim como a descrição das coletas de dados e oficinas promovidas.

3.1) Pesquisa coletiva e a ensino significativo

Além da frequente revisão bibliográfica, como forma de captação de dados e informações do campo de pesquisa optou-se pela metodologia ativa denominada de “pesquisa coletiva” (PRADA, 2018), atividade investigativa que prioriza os saberes do indivíduo, bem como as concepções criadas pela coletividade.

Segundo Prada, a pesquisa é uma atividade humana e coletiva, a qual está repleta de inquietações, interesses e necessidades individuais, e portanto, a investigação coletiva colabora para a humanização, ampliação e democratização do conhecimento, produzindo conhecimento de forma coletiva, construindo realidades mais compreensíveis e compatíveis com a vivência de seus atores. Neste sentido, ao optar por tal metodologia, considerando os diferentes modos de compreensão dos agentes sociais, procura-se entender que o conhecimento científico não é superior e nem inferior a outros tipos de conhecimento que permeiam a vida cotidiana, apenas diferente.

A construção do conhecimento se dá de maneira relacional entre o sujeito e a coletividade, conexões que dependem das relações com o ambiente, com o universal e com outras pessoas, podendo assim sofrer alterações de opiniões quando o indivíduo está sozinho, coletivamente ou quando se alteram as pessoas do grupo.

Mediante a formação do conhecimento e a relação da pesquisa coletiva, o autor completa:

En los procesos de investigación colectiva se objetiva la formación y, por tanto, el aprendizaje social del colectivo, entendiendo que este acontece cuando el individuo y el colectivo incorporan a su ser algo que va más allá de la experiencia. (...) los seres vivos aprenden viviendo y viven aprendiendo. Ese proceso de aprendizaje del, en, con y para el colectivo es una constante en esta modalidad de investigación, cuyo propio colectivo se constituye investigando e investiga constituyéndose en colectivo. Hacer aprendiendo y aprender haciendo son actividades constituyentes de un colectivo; en la modalidad de investigación objeto de este texto, son mediaciones para vivenciar aprendizajes que posibilitan un desarrollo humano transformador de la sociedad individualista y de tan marcadas desigualdades. (PRADA, 2018, p.553-554).

Desta maneira, a presente pesquisa, pretende se aproximar e buscar uma maior compreensão da realidade escolhida para estudo, de forma objetivo, é possível levar em consideração seus agentes, suas particularidades, reconhecendo e valorizando os múltiplos conhecimentos, o contexto vivenciado, suas interações e as possíveis transformações de compreensões que possam vir a ocorrer, e, ao incluir os/as

pesquisados/as no processo investigativo e oportunizando espaços de diálogos e negociações, alcança-se interpretações e explicações mais realista possíveis. Assim, as informações captadas foram categorizadas e analisadas através de indicadores construídos pelo próprio grupo.

Além dos benefícios supracitados, a pesquisa coletiva possui o objetivo de “romper con el poder hegemónico de los modos de hacer investigación” (PRADA, 2018, p.543), e completa:

(...) la investigación colectiva, cuyos contenidos epistemológicos y sus derivaciones metodológicas son acciones contra el individualismo y la competición por la producción ‘científica’, contra la hegemonía de la racionalidad positivista fundamentada en criterios de “verdad” apenas estadísticos, de supuesta neutralidad por parte del investigador y de validaciones de cofradías de investigadores. (PRADA, 2018, p.545).

De forma geral, é possível afirmar que a academia e a sociedade possuem modelos estancados de desenvolvimento social e da própria investigação científica, organização que dificulta a construção de outros conhecimentos importantes, dificultando assim, a liberdade da maioria da humanidade, além de reafirmar a opressão dos poderes tradicionais.

A partir da “pesquisa coletiva” sugerida por Prada, almejou-se caminhar rumo a pedagogia libertadora da qual defende Paulo Freire (1996), buscando uma maior conscientização, autonomia, diálogos, participação, reconhecimento da diversidade, formação política entre os jovens e construção de conhecimentos que levam a emancipação dos mesmos. Além disso, objetiva-se “formar y fortalecer un pensamiento político educativo de desarrollo humano menos individualista, competitivo y destructor del otro, para fortalecer la organización colectiva como forma de contrarrestar las estructuras de poder y dominación imperantes en nuestra sociedad.”(PRADA, 2018, p.551), além de tornar a educação em uma prática mais reflexiva, visando superar os modelos de reprodução colonialistas e construir uma realidade transformadora.

3.1) Investigação e Coleta de dados

A partir da escolha da metodologia “pesquisa coletiva”, foi selecionado dois momentos diferentes para recolhimento dos dados de campo, os quais estão detalhados a seguir:

1º) elaboração e aplicação de um questionário online, fazendo uso da ferramenta “google questionários”, onde todos os alunos residentes no colégio receberam o link para respondê-lo. Mesmo com a metodologia usada, a qual garante acesso e cooperação no andamento da pesquisa por todos os interessados, houve a participação de 49 de 186 alunos residentes, onde todos concordaram com a utilização de suas respostas para a presente pesquisa.

A partir da aplicação do questionário, foi possível traçar um perfil social, econômico e cultural do público investigado. Segue descrição:

a) Os alunos entrevistados possuem idade entre 15 e 20 anos, sendo predominante a faixa etária dos 16 e 17 anos.

b) Há uma quantidade maior de meninos no internato, o que refletiu na divisão de gênero no questionário, sendo 33 masculinos e 16 femininos. A desigualdade em relação ao gênero também reflete na estrutura dos internatos, sendo que há dois prédios para alojamento masculino e somente um para moradia feminina.

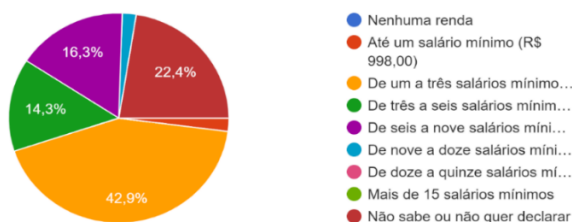
c) A maioria dos alunos derivam de cidades próximas a Foz do Iguaçu, tais como São Miguel, Santa Helena, Santa Terezinha, Cascavel, Itaipulândia, Medianeira e Missal, todas no Brasil; e no Paraguai, a maioria provém dos municípios de Hernandarias, Santa Fé e Santa Rita.

d) Sobre a condição econômica das famílias dos alunos, segue gráfico demonstrativo:

Imagem 3) Gráfico econômico dos alunos internos.

Somando a sua renda com a renda das pessoas que moram com você, quanto é, aproximadamente, a renda total mensal?

49 respostas



Fonte: elaboração própria.

Neste gráfico é possível visualizar que o público atendido pelo colégio diz respeito a famílias de classe baixa e média, apesar de que é visível uma grande quantidade de alunos que desconhecem os ganhos familiares. Apesar da afirmação majoritária de condições socioeconômica baixa, é necessário entender que, quando as famílias decidem matricular seus filhos em uma escola integral, elas abrem mão da possibilidade do jovem arrumar um emprego em tempo integral para ajudar com as despesas de casa, portanto, levando-nos a crer que talvez as condições dessas famílias não sejam tão baixas.

Além disso, é necessário considerar o fato de que muitos moram no setor agrícola, onde, na maioria dos casos, não há uma renda mensal fixa, mas um montante que recebem ao final dos plantios, por exemplo, o que dificulta mensurar os ganhos mensais. Além disso, essas famílias cultivam muito do que consomem, diminuindo os custos extradomiciliar.

e) Sobre a nacionalidade de seus pais, a maioria, 39 alunos, afirmaram que seus pais são nascidos no Brasil; 8 apontaram que um de seus pais é brasileiro e outro é paraguaio; e, somente 2 pessoas informaram ter ambos os pais paraguaios.

f) Sobre as motivações que levaram os mesmos a se matricularem na instituição, as principais respostas foram: para dar continuidade ao trabalho da família, o que evidencia que muitos residem no setor rural; por decisão da família; pela qualidade do ensino; por desejar uma profissão na área; e porque ouviu falar bem do colégio.

g) Também foi questionado sobre a existência de Colégios Agrícolas nas regiões de residência, onde obtivemos a informação de que em 18 dos casos não há tais tipos de educação especializada nas proximidades, assim como, nem sempre existe a disponibilidade de colégios gratuitos, principalmente se tratando dos residentes no Paraguai.

h) Ao questioná-los sobre as principais dificuldades que encontraram ao residir no Colégio, as respostas mais comuns foram: adaptação ao colégio; saudades de casa; a comida; convivência; fazer amigos; e, a língua e a escrita.

i) Se tratando do quesito da saudade de casa, muitos alunos afirmaram que lidam com a situação indo para casa todo final de semana; tentam manter contato via

telefone e internet, além de afirmarem que os amigos e funcionários do colégios se tornaram uma espécie de família para eles, já que a convivência é cotidiana.

j) Na questão aberta sobre o que aprenderam vivendo longe de casa, as respostas, em sua maioria, indicaram que aprenderam a ser mais responsáveis, lidar melhor com seus problemas, valorização da família, amadurecimento e a necessidade de estar bem relacionados com outras pessoas.

k) A maioria dos/das alunos/as, 49, alegaram que o Colégio oportuniza um acolhimento básico devido a suas condições, tais como idas ao cinema, pizzaria e atividades diversas dentro do ambiente escolar. Em contra partida, os outros 9 afirmaram não existir ou ser insuficiente as atividades promovidas pela instituição, sugerindo que ajam iniciativas que colaborem com a vivência mais saudável para os internos, tais como grupos de conversas, uma melhor estrutura física e uma maior variedade de atividades de lazer.

2º) construção e execução de oficina que tinha como objetivo provocar os alunos a relatar as experiências e conflitos vivenciados no ambiente escolar. A atividade foi aplicada no dia doze de novembro de 2019 e desenrolou-se em duas etapas diferentes: em um primeiro momento, na função de mediadora, foi explicada o que iria acontecer e passado um documento, o qual precisavam preencher e assinar, autorizando o uso de suas imagens e depoimentos.

Como forma de descontração e divisão de grupos, foi distribuído, aleatoriamente, o nome de três nacionalidades diferentes, no caso foram usadas o Brasil, Argentina e Paraguai. Em seguida, ao som de uma música ambiente, foi pedido para que eles/as encontrassem seus iguais a partir das danças típicas de cada país. Sem comunicação verbal, somente pela dança, onde formou-se um total de três grupos, já que haviam um total de quinze participantes.

Imagem 4) Foto do momento das danças típicas e formação dos grupos no início da oficina na Escola Agrícola.



Fonte: elaboração própria.

Formados os grupos, pediu-se que elessem um relator/a oficial e, em seguida, foi entregue um cartaz para cada equipe, onde continha a seguinte questão: “Quais foram as principais dificuldades que encontraram ao começar estudar no Colégio Agrícola?”. A partir de discussão, os agrupamentos precisavam elencar ao menos três adversidades e anotar no cartaz. Foi alertado que todos necessitavam falar dentro do grupo.

Imagem 5) Foto representando o momento das discussões e anotações dos principais problemas encontrados no cotidiano escolar.



Fonte: elaboração própria.

Após o término da primeira tarefa, a mediadora trocou de grupo os cartazes, pedindo para que nos próximos cinco minutos eles/as lessem, discutissem e completassem as anotações de outro grupo. Houve nova troca de cartaz e repetição da atividade anterior, acrescentando mais cinco minutos. O mesmo cartaz percorreu os três grupos e retornou ao seu time de origem, o qual leu as novas anotações, discutiu e apresentou para todos que participavam da oficina.

Imagem 6) Foto do momento da realização da oficina na escola.



Fonte: elaboração própria.

Neste momento, foi possível identificar quais foram os principais problemas enfrentados pelos/as alunos/as internos/as do colégio, adversidades que foram pontuadas pelos três grupos. As principais dificuldades elencadas foram:

- Grupo A: convivência com outras pessoas e adaptação; muitas matérias e conteúdo avançado em relação ao Paraguai; cobrança e responsabilidade; poucas opções de alimentação; não possuem contato com o mundo exterior; falta de internet wi-fi; desvalorização da moeda paraguaia.

- Grupo B: dificuldade na convivência; ficar longe de casa; alimentação; obstáculo com o idioma e a escrita para os/as alunos/as paraguaios/as; aula em período integral e dificuldade na adaptação desta rotina; grande quantidade de matérias; e, em especial, pontuaram a dificuldade em matemática por não haver compatibilidade de conteúdo da disciplina entre o Paraguai e o Brasil.

- Grupo C: distância de casa, não tanto pela saudade que sentem dos pais, mais pela falta de comodidade e privacidade que tinham em casa; dificuldade que os/as paraguaios/as sentem com a escrita; adaptação com o estudo em tempo integral; comida diferente e frequente vontade de desistir do curso.

A partir dos pontos mencionados, é possível identificar como as maiores barreiras e adversidades: a comida diferente da que tinham em casa e da pouca variedade no cardápio; convivência; adaptação a grande quantidade de matérias e a integralidade dos estudos; dificuldade com a escrita e com a diferenciação do currículo escolar entre os dois países.

Imagem 7) Foto da realização das atividades descritas na instituição.



Fonte: elaboração própria.

Identificar os conflitos vivenciados na instituição é algo de extrema necessidade e importância, porém, não basta pontuá-los e posteriormente ignorá-los, por isso, em um segundo momento da atividade foi entregue um segundo cartaz aos agrupamentos, o

qual continha o seguinte enunciado: “Discutam novamente e apontem possíveis soluções para os problemas citados anteriormente”. Assim como na primeira etapa, houve a rodada para resposta da equipe e posterior trocas de cartazes, até que o mesmo passasse em todos os grupos, os quais foram sendo anotados diferentes resoluções na medida que achassem necessário.

Neste momento, houve explanação dos grupos ao final e discussão de todos os envolvidos sobre seus principais problemas, possíveis soluções e/ou diminuição das adversidades. As principais sugestões foram:

- Grupo A: melhorar a infraestrutura dos alojamentos e colocar menos pessoas por quarto; capacitar melhor seus funcionários; necessidade de aulas de reforço e/ou nivelamento em determinadas matérias; sensibilizar o corpo docente em relação a cobrança e atividades; ajuda de profissionais na área de psicologia; fazer uso de recursos próprios do colégio para melhoria das refeições; aumentar o número de saídas com fins de lazer; além de ampliar o número de espaços para socialização no interior da escola.

- Grupo B: os/as professores/as devem dar mais atenção para os/as alunos/as que possuem dificuldades; necessidade de o governo distribuir mais opções de alimentos; necessidade de organizar mais atividades para o lazer para facilitar a convivência; construir um cardápio mais democrático e com acompanhamento de nutricionista.

- Grupo C: aumento de verba e capacitação de funcionários em relação a qualidade da alimentação; realização de projeto que vise o aumento da produção de alimentos para serem direcionados para o consumo interno; acompanhamento psicológico; sala de apoio em relação a escrita portuguesa principalmente para os paraguaiois; variação das atividades de lazer; disponibilidade de mão de obra qualificada.

Imagem 8) Foto tirada ao final da oficina na Escola Agrícola.



Fonte: elaboração própria.

A partir da análise de suas propostas, é possível identificar uma recorrente preocupação com a qualidade de suas alimentações – o que já tinha sido citado nos problemas e foi o tema que mais gerou debate -, os quais buscaram soluções mais viáveis a suas realidades de colégio agrícola. Sobre este assunto, há de se considerar que o problema da alimentação e a pouca diversidade do cardápio pontuada pelos alunos não se refere a um problema natural da instituição, pois, como sabemos, a merenda é definida anteriormente e enviada para os colégios públicos, não havendo muita possibilidade de alterações.

Outro problema da alimentação é a falta de preocupação do Estado com a diversidade dos hábitos alimentares nos contextos escolares, situação que se agrava nas regiões de fronteira, onde há a presença de diversas culturas. Neste sentido, Silva e Pasquali (2016) relatam que as instituições escolares somente se preocupam com a adaptação pedagógica dos/as imigrantes, desconsiderando outros aspectos culturais, como os modos de vestir, religião, comida e os demais comportamentos sociais. Assim, os/as imigrantes são "forçados" a se adaptar aos hábitos alimentares da região.

Outro ponto inquietante foi em relação a adaptação de conteúdos e escrita dos/as paraguaios em relação a educação brasileira, os quais sugeriram aulas de reforço e/ou complementação. A questão psicológica e atividades de lazer também foram temas que apareceram em comum nos grupos, os quais recomendaram oferecer, aumentar e diversificar tais atividades. Por fim, a falta de preparação e interesse de alguns profissionais também foi ponto de preocupação dos alunos, mostrando que se sentem prejudicados quando lhes faltam conteúdo e serviços que lhes são de direitos.

4) Transculturalidade e a Fronteira: a convivência entre os diferentes na escola

A região da Fronteira Transnacional é marcada pela pluralidade e por intensos fluxos. Resultado desta configuração impar é a cidade de Foz do Iguaçu/PR, a qual é representada pela grande diversidade presente em seu território, possuindo em seu espaço mais de 72 etnias diferentes, tal como divulgado pela Polícia Federal (*apud* PRADA e REALI, 2018).

Por fronteira nacional normalmente se entende como margens de um território, limites jurídicos e militares, se configurando no perímetro máximo de poder e controle de um Estado, tal como afirma Weber (1982). Nestes espaços, são criadas concepções de assimetria para com a outra nação, pois “são espaços que diferenciam o nacional do estrangeiro, podendo criar estereótipos negativos para com os vizinhos, formando uma identificação contrastiva entre os diferentes grupos étnicos” (NEVES, p. 80, 2014). Desta maneira, a relação entre os países vizinhos é frequentemente criada de maneira desigual, complementa Albuquerque (2012).

Em um primeiro momento, pode-se pensar que a fronteira nacional afasta os indivíduos de países vizinhos, pois criaria limites rígidos. Porém, ao analisar a condição geográfica, percebe-se que a fronteira possui condições paradigmáticas, ou seja, ao mesmo tempo que representa uma barreira, ela cria setores de permeabilidade e fluxo. Assim, as regiões de fronteiras nacionais são, por natureza, heterogêneas, pois se configuram por ter intensos fluxos econômicos, culturais, turísticos, migratórios, ilegais e, no caso específico da pesquisa em questão, promoveria uma movimentação transnacional em relação a educação.

Tais características do espaço investigado fazem com que a região desenvolva uma fisionomia própria, pois se torna um campo fértil para a fixação de diversos imigrantes e, como resultado, a frequente presença de várias subculturas, afirma Duarte e Gonzales (2008).

Visto que o espaço se constrói a partir de diversos fluxos, é possível observar a frequente construção de estereótipo que o brasileiro cria em relação a outras etnias, culturas e demais diversidades. Esta característica colabora para a segmentação da cidade de Foz do Iguaçu/PR, assim como impulsiona o preconceito em suas mais diferentes formas. É comum observarmos, por exemplo, a depreciação com outras

culturas, ou ainda o menosprezo quanto ao nosso país vizinho e importante parceiro comercial, o Paraguai.

Os preconceitos presentes em nossa sociedade são inúmeros, seja étnico, cultural, político, de gênero, classe social e tantas outras características possíveis de serem trabalhadas. Neste sentido, é comum nos depararmos com falácias sobre esta nação e seu povo, tais como: acreditar que são economicamente inferiores; defini-los como preguiçosos; receberem denominações pejorativas; acreditar que seu território deve ser usado de forma exploratória economicamente, seja no comércio, no setor agrícola, dentre outras acusações vinculada ao imaginário nacional e regional, relacionando ainda com questões históricas e políticas.

Apesar do Brasil e do Paraguai manter fortes laços comerciais e culturais, entre os brasileiros existe, com frequência, a afirmação de sua “superioridade” em relação a outra etnia. Em pesquisa anterior (NEVES, 2014), foi possível observar que, de forma geral, os iguaçuenses entendem e aceitam sua diversidade cultural, são abertos a vários grupos e etnias diferentes. Mas, quando se trata do Paraguai e de seu povo, o brasileiro frequentemente lhes atribui algumas características, as quais nem sempre são positivas, tais como: consideram um povo “simples” e preguiçoso, mas identificam seu país como local de contrabando, pirataria, corrupção, violência e possuem ausência de Estado, o que resultaria na sua situação de subdesenvolvimento e criando uma ideia distorcida do país vizinho.

O sentimento de desprezo e hierarquização para com o país vizinho se caracteriza pela criação dos estigmas sociais. Para Goffman (1988), as sociedades criam meios para categorizar os indivíduos em seu interior, criando atributos sobre o que será considerado normal. Desta maneira, a pessoa que não se encaixa nestes padrões é, de alguma maneira, excluída. Assim, vemos a situação de várias subculturas na cidade de Foz do Iguaçu, as quais muitas vezes trabalham em subempregos ou moram em periferias, criando uma segmentação, e conseqüentemente, a estigmatização dos mesmos.

Desta maneira, ao lecionar no espaço privilegiado para análise, observou-se a existência de uma construção do estereótipo negativo que existe sobre os/as alunos/as paraguaios/as, a ponto de, muitas vezes, se segmentarem nos alojamentos conforme a nacionalidade de origem, receberem apelidos com intuito depreciativo, tais como “xirus” e “comedor de mandioca”, ou ainda, dentro da sala de aula, devido ao choque

cultural, educacional e linguístico, se isolarem do restante da turma e, conseqüentemente, diminuir seu rendimento escolar. Carregados de “pré-conceito”, tal situação de segmentação ocorre, na maioria dos casos, em um primeiro momento da adaptação, pois, como veremos a seguir, a convivência e demais atividades extracurriculares proporcionam situações de interculturalidade com o passar do tempo e devido a convivência.

De qualquer maneira, os estereótipos são vários e, frequentemente, procuram reafirmar uma “superioridade” brasileira sobre nossos vizinhos. Na instituição escolar não é diferente, pois há a reafirmação destes pré-conceitos e, quase nunca, são trabalhados de maneira que visem a desconstrução de tais paradigmas. Obviamente, não são todos brasileiros que pensam desta maneira, mas, se a sociedade se comporta desta maneira é porque lhes foram ensinados a se comportar assim, portanto, é possível a aprendizagem de novos conceitos. E por isso, o estudo também teve como objetivo específico promover espaço para reflexão sobre os conflitos que os alunos vivenciam no espaço escolar.

Ao analisar tal contexto, não é difícil perceber uma frequente depreciação do/a brasileiro/a em relação ao paraguaio/a na cidade. Neste sentido, foi criada uma clara diferenciação entre brasileiros/as e paraguaios/as, uma segmentação que vai além da fronteira física e jurídica, onde se criou uma fronteira simbólica entre eles. Tal marcação de diferenciação pode ser relacionada ao conceito de “*insiders*” e “*outsider*” discutido por Elias e Scotson (2000), onde há a construção de grupos opostos, sendo os/as primeiros/as os/as alunos/as brasileiros/as, os quais acreditam que possuem mais direitos que os/as discentes provindos do Paraguai. Enquanto isso, os “*outsider*” seriam os/as alunos/as estrangeiros/as, os/as quais se sentem deslocados – pelo menos em um primeiro momento – e aceitem a condição de excluídos/as impostos pelos “*insiders*”. Tal situação é responsável por criar uma fronteira simbólica, delimitação que marca a condição de “nós” e “eles” dentro do espaço escolar.

Nesta discussão, é importante trazer o conceito de etnicidade de Fredrik Barth (1998). O autor argumenta que, quando grupos étnicos distintos entram em contato, ao contrário do que supõem as teorias da aculturação, não há necessariamente a assimilação de um pelo outro. Desta maneira, os grupos podem criar campos de restrições para protegerem suas identidades e para se fortalecerem, porém, com a

convivência, há a possibilidade de surgirem setores de permeabilidade, pois há a necessidade de se adaptar à “nova” realidade, tal como foi observado na Escola Agrícola.

Evidenciada a questão da diversidade cultural e étnica na realidade investigada, apesar da polissemia de conceitos usados para dar conta da grande diversidade encontrada nos contextos escolares – multiculturalidade, transculturalidade e interculturalidade são exemplos de deste debate -, tal como discute Fleuri (2003), a questão que se torna problemática em nossa realidade é em saber como lidar com tais distinções, como acolhê-las de forma respeitosa e de “integrá-las em uma unidade que não as anule” (*apud*, p.17). Tal reflexão, segundo o autor, é necessária para que busquemos, juntamente com as inovações científicas e tecnológicas, novas propostas para desenvolver a “educação para a paz, para os direitos humanos, para a ecologia, para os valores.” (*apud*, p.16).

5) A educação e o Projeto Político Pedagógico: a adaptação e a resolução dos conflitos no espaço escolar

Comprovada a problemática da interculturalidade e da dificuldade na resolução dos conflitos – relacionados ou não com a diversidade cultural no espaço escolar -, é necessário pensar estratégias para promover uma educação mais democrática e humanitária. Neste sentido, Conceição (2016) descreve uma reunião da UNESCO que aconteceu em 2001⁶, a qual objetivava refletir sobre pedagogias que estimulassem a aprendizagem para a vivência em conjunto e define que:

(...) para poder vivermos juntos, é imprescindível que todas as pessoas, de todas as culturas, tenham uma educação de base que lhes permita participar da vida pública. Além disso, também é necessária a criação de uma atmosfera de respeito nas escolas e a adaptação dos currículos para a promoção da coesão social e da resolução pacífica dos conflitos (BRASLAVSKY, 2002, *apud*, CONCEIÇÃO, 2016, p.155).

Apesar de quase duas décadas passadas, pouco se avançou em relação a convivência democrática e respeitosa, problema que fica evidente na grande quantidade

⁶ Esta reunião comentada se refere a 46ª Conferência Internacional da Educação organizada pela UNESCO, em Genebra, na Suíça em 2001.

de denúncias que a mídia, as autoridades e os núcleos de educação recebem frequentemente, sejam elas de cunho xenofóbico, ideológico, por gênero, cultural, socioeconômico, *bullying* ou qualquer outra versão preconceituosa da diversidade que é encontrada no ambiente escolar.

É fato que a escola “é um espaço privilegiado para o encontro entre muitas alteridades e desentendimentos podem ocorrer quando pessoas de diferentes culturas julgam atitudes e valores dos outros por meio de sua própria perspectiva cultural”, afirma Conceição (2002, p.02). Sendo assim, surgem questões inevitáveis, tais como: O que fazer para que as diferenças interajam pacificamente? Como respeitar as diferenças sem acabar com elas?

O caminho sugerido pela autora é promover a estratégia da “educação intercultural”, trabalhando com as diversidades de forma que as integrem e não se anulem. Por interculturalismo, Conceição (2002, p.02) entende que “se refere à interação entre culturas de uma forma recíproca, favorecendo o convívio e a integração em uma relação baseada no respeito pela diversidade e no enriquecimento mútuo”. Neste sentido, se faz necessário desenvolver táticas que promovam tal interação e respeito no espaço escolar, mas antes, é indispensável fazer uma análise do público atendido pela instituição, para assim, basear tais estratégias na realidade vigente e não em planos padronizados e prontos encaminhados pelas instâncias superiores.

Com o aumento do fluxo, circulação e comunicação entre as pessoas, situação possibilitada pelo processo denominado de globalização, não faz sentido promover uma educação que estimule a homogeneidade. Assim, os espaços educativos devem ser criados com o intuito de diminuir os conflitos e as desigualdades, e não pensados em acabar com as diferenças. Neste sentido, Conceição afirma que:

(...) aprender a viver com o outro implica o direito que ele tem de continuar a ser outro. Conviver com as diferenças é reconhecer que elas existem sem desejar acabar com elas, buscando o reconhecimento do outro, e não sua assimilação. A chave para isso está na promoção da interação e do diálogo entre distintos grupos e indivíduos, reconhecendo o outro a partir de sua própria perspectiva. (CONCEIÇÃO, 2002, p.04).

Assim, fica claro que o caminho para uma convivência mais pacífica é o diálogo, e neste sentido, Jörn Rüsen (2009, *apud* CONCEIÇÃO, 2002) evidencia que, para isso acontecer, é necessário entender e acumular informações sobre experiências

significativas de outras culturas, entendendo que cada cultura tem seu motivo de ser e passando a não pensar exclusivamente a partir de seus próprios conceitos, ou seja, promovendo a desconstrução do pensamento etnocêntrico. A partir da compreensão da alteridade, é possível ter uma melhor compreensão de nós mesmos, da comunidade na qual vivemos e no que pretendemos para a sociedade futura.

Para chegarmos ao ponto de compreender, aceitar e aprender a conviver com outras culturas, é necessário desenvolver uma “perspectiva reflexiva de comparação”, argumenta Rösen (2009, *apud* CONCEIÇÃO, 2002, p.05), questão que traz consigo diversas dificuldades epistemológicas⁷, pois se trata de comparação de contextos culturais que estão permeados de interesses. O problema identificado pelo autor é a falta de consciência e isto precisa ser refletivo e explicados, e nada melhor do que ser mediado pela escola, local que pode superar o senso comum de debates não fundamentados.

A escola necessita se adaptar a demanda e a necessidade de seus alunos, respeitando a diversidade, combatendo qualquer tipo de preconceito e superando os modelos etnocêntricos impostos pela sociedade em suas diversas instituições, inclusive na educação formal. Ao fazer isso, é possível usar a própria heterogeneidade presente em sala de aula como exemplo positivo sobre as diversidades e os conflitos que podem encontrar e vivenciar na sociedade na qual fazem parte.

Neste sentido, Diaz-Aguado (1997, *apud* CONCEIÇÃO, 2002) argumenta que a escola precisa desenvolver uma educação intercultural, traçar seus objetivos bem delimitados em relação a temática e fazê-lo a partir da integração dos conteúdos com os materiais de ensino. Porém, é necessário ter um cuidado especial com os materiais de ensino, pois os mesmos frequentemente apresentam perspectivas negativas de outras culturas e reproduzem etnocentrismos históricos, o que gera e/ou reforça rejeições de alguns grupos culturais. Assim, a autora aconselha desenvolver estratégias condizentes com a realidade e desenvolver seus próprios materiais que permitam a compreensão e o respeito a diversidades.

Ao explicar sobre a criação do currículo da UNILA e levando em consideração a grande diversidade encontrada na cidade de Foz do Iguaçu/PR, Prada e Reali (2018)

⁷ Este trabalho não pretende se aprofundar no problema. Para entender mais sobre quais são estas dificuldades epistemológicas, ler a obra “Como dar sentido ao passado: questões relevantes de meta-história” (2009) do autor.

evidenciam a privilegiada condição da região de fronteira e como esta característica foi considerada na criação do documento. Neste sentido, as diversidades foram incluídas no currículo educacional, porém, como uma forma de auxílio para a integração, o que foi denominado de “currículo paralelo”. Desta maneira, ao tomar conhecimento da heterogeneidade presente no espaço educacional, é possível criar ações paralelas e situações informais, encontros que vão além da sala de aula, que visem auxiliar a convivência pacífica, aproximar e promover a aceitação da diversidade, desconstruindo assim paradigmas e aproximando os diferentes, porém, sem perderem suas culturas e individualidades.

Neste sentido, como experiência vivenciada e observada pela autora, é possível afirmar que, em um primeiro momento residindo na escola, os/as alunos/as paraguaios/as tendem a conviver com seus iguais. Não é raro ver os/as paraguaios/as aglomerados e ouvindo o estilo musical do *reggaeton* e tomando o *terere* que lhes são típicos; enquanto os/as discentes brasileiros bebem refrigerante e ouvem sertanejo ou funk. Porém, como passar o tempo, ao conhecer seus colegas e interagir em diferentes circunstâncias do cotidiano, começam a surgir situações de interculturalidade entre os/as alunos/as nos momentos de lazer, onde é possível observar que passam a ouvir as mesmas músicas, compartilhar o *terere* ou o refrigerante e aprendem palavras em guarani e gírias em português, além de compartilharem diversas outras experiências. As ações intra e extra classe promovidas pela equipe educacional também auxilia na relativização destas fronteiras étnicas e culturais.

Neste sentido, é importante lembrar que não está sendo sugerido o abandono ou acreditar numa mudança radical dos currículos escolares que estão em vigor – apesar de algumas mudanças são necessárias, mas reconhecemos que este modelo está enraizado na cultura escolar -, mas pensar em propostas que vão além do que é exigido pela Secretaria de Educação, promovendo situações que estimulem a empatia e a paz no contexto escolar, e que assim, possam transcender tal instituição.

6) Conclusão

É possível perceber que as diversidades são frequentemente marcadas de maneira vertical nas diversas instituições, criando um conflito social, político e econômico, além

de uma hierarquização. Nesta conjuntura, elaborar atividades de ensino que estimule a reflexão e a empatia entre os/as alunos/as de diferentes localidades do Brasil e estrangeiros/as pode vir a colaborar para o aumento da tolerância intercultural, além de proporcionar ambientes mais agradáveis de convivência.

Além da interculturalidade cultural, durante a investigação, percebeu-se outras diversidades e hierarquias bem marcadas, as quais tornam o espaço escolar como local de conflito. Somando-se a tais dificuldades, ainda é possível perceber a dificuldade que a juventude possui em se afirmar e construir sua identidade na escola, elementos importantes para sua formação social e que podem impactar na sua vida adulta.

Infelizmente os currículos escolares são restritivos, não estão adaptados a presença e o respeito da heterogeneidade; apesar de que nos últimos anos surgiu um discurso do Estado para o respeito a diversidade, apesar de que pouca coisa mudou de maneira oficial e na prática. Esta educação etnocêntrica tradicional necessita ser superada a partir de caminhos que estimulem o conhecimento, a compreensão da história e cultura de outros sujeitos, construindo assim uma nova forma de convivência, onde os sujeitos possam ser capazes de viverem mais pacificamente e respeitosamente.

Neste sentido, para a educação intercultural, as disciplinas de humanas – especialmente história, geografia, filosofia e sociologia – devem ser pensadas de maneira diferenciadas, pois, já que estão ligadas a construção de memórias e identidades, para haver mudanças de perspectivas, devem ser ensinadas de maneira que promovam a interação, empatia, tolerância e o respeito entre as diversidades. De qualquer maneira, “o primeiro passo para tornar o aprendizado histórico intercultural é ajustar as intenções educativas às práticas escolares”, afirma Conceição (2002, p.14).

Assim, ao observar a convivência no Colégio Agrícola, pode-se afirmar que ao conviver com pessoas de outras culturas, as assimetrias e conflitos de nacionalidades podem promover mudanças nos discursos hegemônicos culturais e econômicos, criando situações de trocas de experiências e diluindo os conflitos que foram sendo construídos historicamente.

A partir da pesquisa, pretendeu-se pensar em caminhos para a diminuição de preconceitos e o combate à segregação social. A partir de estratégias metodológicas, pode ser possível impactar na vida de algumas pessoas, trazendo como consequência, a reflexão e a diminuição de preconceitos e estigmas criados na cidade de Foz do Iguaçu.

Sabe-se que os preconceitos são resultados de vários contextos históricos, políticos e sociais, porém, algo precisa ser feito para seu combate.

Visto que esta depreciação é contínua, histórica e propagada por grupos, é necessário promover uma maior integração entre os dois países, mais especificamente entre as cidades fronteiriças de Foz do Iguaçu/BR e *Ciudad del Este*/PY. Como professora e formada na área de humanas, acredito que é dever do profissional, e de forma geral, é necessidade de todo cidadão, criar meios para que a responsabilidade social esteja presente no seu cotidiano. Haja visto que não existe superioridade, mas sim diversidade, o artigo pretendeu discutir uma possibilidade para a diminuição dos índices de exclusão, segmentação e demais preconceitos que possam existir na relação local entre as duas nações, promovendo assim, uma integração mais harmoniosa, a valorização a dignidade do ser humano e a democratização do espaço escolar.

7) Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, José Lindomar Coelho de. **Fronteiras:** entre os caminhos da observação e os labirintos da interpretação. Comunicação apresentada no I Colóquio Internacional sobre Dinâmicas de Fronteira, na Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE - Campus Toledo, 2012.

BARTH, Fredrik. “Grupos étnicos e suas fronteiras”. In: **Teorias da etnicidade**. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: UNESP, 1998.

CONCEIÇÃO, Juliana Pirola. “Aprender a viver juntos: Ensino de História e Educação Intercultural”. In: **Ensino de História: Memória e Identidade**. 1 ed. Jundiaí: Paço Editorial, 2016, v.1, p. 155-170.

DUARTE, Geni Rosa, & GONZALES, Emilio. **Espaços de produção e deslocamentos de músicos na Tríplice Fronteira (Brasil/ Argentina / Paraguai)**. Comunicação apresentada no VIII Encontro Internacional da ANPHLAC, em Vitória-ES, 2008.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

FLEURI, Reinaldo Matias. **Intercultura e Educação**. Revista Brasileira de Educação. Nº 23. 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4ª ed., Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

NEVES, Franciele Cristina. **Headbangers e Tererê**: a experiência Heavy Metal no Tríplice Fronteira. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus Toledo, 2014.

PRADA, Luis Eduardo Alvarado. “Investigación Colectiva: una construcción plural de los conocimientos” (p.543-560). In: **Los saberes múltiples y las ciencias sociales y políticas**. Tomo II / Santiago Gómez Obando, Catherine Moore Torres, Leopoldo Múnera Ruiz (editores). 1º ed. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Derecho, Ciencias Políticas y Sociales. Instituto Unidad de Investigaciones Jurídico Sociales Gerardo Molina (UNIJUS), 2018.

PRADA, Luis Eduardo Alvarado; REALI, Noeli Gemelli. “Quando os saberes múltiplos viram currículo paralelo: o caso da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (Unila)”. (p.73-94). In: **Los saberes múltiples y las ciencias sociales y políticas**. Tomo II / Santiago Gómez Obando, Catherine Moore Torres, Leopoldo Múnera Ruiz (editores). 1º ed. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia. Facultad de Derecho, Ciencias Políticas y Sociales. Instituto Unidad de Investigaciones Jurídico Sociales Gerardo Molina (UNIJUS), 2018.

SILVA, Anaxsuell Fernando; PASQUALI, Danielli. “Migração e hábitos alimentares em ambientes educacionais: o caso da Tríplice-fronteira”. **Educere et Educare**: Revista de Educação. Vol. II, nº 23, jul./dez., 2016.

Weber, Max. **Ensaio de sociologia**. 5 ed. Rio de Janeiro: Zahar. 1982.